

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E PERCEÇÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE PROFESSORES DO IFTO ACERCA DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

**Miliana Augusta Pereira Sampaio - UFT
Layane Bastos dos Santos – IFTO
Denise de Barros Capuzzo - UFT**

RESUMO: O objetivo deste estudo, é versar sobre a percepção dos professores do ensino médio integrado do Instituto Federal do Tocantins, Campus Araguatins, acerca das dificuldades de aprendizagem apresentadas por seus alunos em sala de aula. Como método, a pesquisa de abordagem qualitativa utilizada, foi realizada em duas partes: bibliográfica e de campo (estudo de caso), onde os resultados foram analisados a luz da teoria das representações sociais e através da análise de conteúdo de Pierre Bardin. Participaram do estudo, dez professores de diversas disciplinas lotados no IFTO, todos professores do curso técnico em Agropecuária do Campus Araguatins, no ano de 2013. Como resultados, apontou-se que as representações sociais dos professores, que certamente norteiam suas práticas educativas, estão carregadas de preconceito e desinformação, e fizeram emergir as seguintes categorias de análise: conceito de dificuldades de aprendizagem, a função do professor diante dessa demanda e como trabalhá-las em sala de aula. Percebe-se que se torna necessário no contexto analisado, a construção de um ambiente escolar adequado, a sensibilização e formação dos professores do IFTO, para a aplicação de estratégias de ensino diferenciadas, bem como, um projeto que possibilite a presença efetiva da família dos alunos que apresentam dificuldades na escola, além de programas específicos a de acompanhamento a serem desenvolvidos em conjunto com profissionais especializados que fazem parte do quadro (psicólogos, pedagogos, assistentes sociais). A pesquisa pretende contribuir para uma reflexão mais ampla acerca do tema da percepção docente acerca das dificuldades de aprendizagem, bem como para o reconhecimento e valorização dessa queixa no âmbito escolar, melhorando o diálogo entre os diferentes atores envolvidos.

Palavras-Chave: Dificuldades de Aprendizagem; Representação Social; Percepção

INTRODUÇÃO:

Diversos estudos vem demonstrando como vem crescendo as queixas e encaminhamentos de crianças para atendimento especializado com uma suposta queixa de dificuldades de aprendizagem (BRENELLI, 2014). Contudo, o que vem causando espanto é que boa parte desses encaminhamentos é não configuram qualquer distúrbio de aprendizagem (Tiosso, 1989; Corsini, 1998; Weiss, 2000).

Uma das suspeitas para tal quadro, é que talvez isso seja fruto dos problemas encontrados pelo professor em lidar com as dificuldades dos alunos em sala de aula, entrando

em um estado de espírito em que seja necessário centrar o problema em deficiências intrínsecas do aluno, encaminhando crianças que eles mesmos pré-diagnosticam. Contudo, são patentes os estudos que vem comprovando que boa parte dessas dificuldades estão relacionadas a outras variáveis, como o excessivo número de alunos por sala, escassez de material e recursos pedagógicos são variáveis que afetam o desempenho de escolares.

Fernández (1991) define duas ordens de causas dos problemas de aprendizagem; a primeira nomeada de problema de aprendizagem reativa, em que o fracasso escolar é resultado de uma ação educativa inadequada tendo sua origem relacionada à instituição escolar como desadaptação, problemas relacionados ao professor e a metodologia usada. A segunda, chamada de problema de aprendizagem sintoma em que a causa do problema está no desenvolvimento afetivo e/ou cognitivo, sua dimensão liga-se à história original e única desse sujeito, constituída nas interações sociais que estabelece com pais, familiares, grupos de amigos, colegas e professores.

Já os estudos realizados por Paín (1985) versam que existem dois tipos de "perturbação da aprendizagem" (terminologia usada pela autora). Na primeira, a perturbação da aprendizagem é intrínseca do indivíduo e resultante de uma disfunção intelectual envolvendo uma alteração do sistema nervoso central. A segunda, caracteriza-se por um pequeno desvio na capacidade de aprendizagem, mas sem determinantes orgânicos. Portanto as perturbações na aprendizagem são consideradas como algo que atenta contra a normalidade, seja em qualquer nível cognitivo, isso quer dizer que os problemas de aprendizagem são aqueles que se superpõem ao baixo nível intelectual, não permitindo ao sujeito aproveitar as suas possibilidades.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo, é analisar a percepção dos professores do ensino médio integrado do Instituto Federal do Tocantins, Campus Araguatins, acerca das dificuldades de aprendizagem apresentadas por seus alunos em sala de aula. Como método, a pesquisa de abordagem qualitativa utilizada, foi realizada em duas partes: bibliográfica e de campo (estudo de caso), onde os resultados foram analisados a luz da teoria das representações sociais e através da análise de conteúdo de Pierre Bardin. Participaram do estudo, dez professores de diversas disciplinas lotados no IFTO, todos professores do curso técnico em Agropecuária do Campus Araguatins, no ano de 2013. Para isso, o referencial

teórico utilizado para o estudo desse conceito será o de Representação Social, baseado em Moscovici (1978), que evidencia a elaboração de comportamentos a partir dos valores e crenças do indivíduo acerca do meio em que está inserido.

1. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Existe em cada um a necessidade de encaixar cada coisa nova com que se toma contato em uma determinada categoria conceitual. Os traços culturais, sociais, de personalidade de cada um dos habitantes de um país, além dos arquétipos, personagens do imaginário coletivo e literário, conseguem ser resumíveis a algumas dezenas de adjetivos. E a premissa vale mesmo para as qualificações mais subjetivas ou até para correlações entre duas ou três palavras desse pequeno grupo que tragam semelhanças de significado. O fato novo vai ganhar contornos a partir do rótulo que lhe for imposto. Ao mesmo tempo, um rótulo novo precisa encontrar fundamento na realidade – e o faz, invariavelmente, mesmo quando se trata de um fenômeno, pessoa, profissão.

Nesse contexto, a Representação social se constitui como um conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária, no curso de comunicações interindividuais, na necessidade de contextualizar (Moscovici, 1981). É a versão contemporânea do senso comum. Moscovici (2003) focou a questão das representações sociais, a partir dos conceitos propostos por Émile Durkheim, que falou em representações coletivas. Essas representações coletivas, de caráter estático, seriam aquilo que conserva o todo da sociedade contra a fragmentação.

Moscovici aponta a razão pela qual as pessoas se escoram nas representações sociais: “a finalidade de todas as representações sociais é tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade” (MOSCOVICI, 2003, p. 54, grifo do autor). Ou, em outras palavras: “Em seu todo, a dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas” (MOSCOVICI, 2003, p. 55). Nessa explicação ele resume hipóteses dadas anteriormente, segundo ele “não totalmente desprovidas de verdade”, de que as representações sociais poderiam “responder a determinada necessidade”, “a um estado de

desequilíbrio”, ou “favorecer a dominação impopular, mas impossível de erradicar, de uma parte da sociedade sobre outra”.

A teoria das representações sociais reside na ideia de que os sujeitos buscam explicações, criam teorias próprias sobre uma série infindável de assuntos que prendem a atenção e a curiosidade, demandando compreensão e pronunciamentos quotidianos a respeito de temas sociais contemporâneos como a escola, a moral, a religião, a política, a cultura, a saúde, a doença, a violência, a tecnologia, as desigualdades sociais, econômicas etc. Tais explicações não são simples opiniões, mas possuem uma lógica própria, baseada nas mais diferentes informações e julgamentos valorativos adquiridos por diferentes fontes, além de fundamentarem-se também em experiências pessoais e grupais.

A representação que o professor faz de seu aluno pode influenciar, e até certo ponto determinar os avanços cognitivos a serem alcançados pelos estudantes. Por isso, é tão importante saber como o professor pensa a dificuldade de aprendizagem, pois ao se ter conhecimento acerca dos fatores que esses sujeitos apontam como causas, motivos e conseqüências, poderá ser possível analisar, através de seu discurso, se a sua postura em relação a esse problema não acaba por agravá-lo ainda mais, na medida em que ele abandona o aluno à margem de sua própria dificuldade, ou ao contrário, a preocupação do professor diante do problema potencializa a aprendizagem do aluno (BRENELLI, 2014).

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, que visa a descrever o modo como os educadores enxergam as questões ligadas aos seus conceitos e práticas referentes as dificuldades de aprendizagem. Optou-se pela pesquisa de abordagem qualitativa porque estimulam os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Elas fazem emergir aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. Isso possibilita a busca pelas percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação. Segundo Severiano (2010), a pesquisa qualitativa trabalha com um universo de valores e significados que poderá também concorrer para que identifiquemos as representações sociais dos professores acerca da inclusão de alunos com autismo. Tais

representações emergem das situações de trabalho, ou seja, no lugar onde se efetuam trocas sociais que é a escola e permeiam a práxis educativa em si.

Dentro dessa proposta qualitativa de pesquisa, a forma do estudo se caracterizou como um Estudo de Caso caracteriza-se que é o estudo profundo de um objeto, de maneira a permitir amplo e detalhado conhecimento sobre o mesmo, o que seria praticamente impossível através de outros métodos de investigação, afirmam Goode e Hatt (1973). Os autores caracterizam o Estudo de Caso como um meio de organizar dados e reunir informações, tão numerosas e detalhadas quanto possível, a respeito do objeto de estudo de maneira a preservar seu caráter unitário. A totalidade do objeto pode ser preservada através da amplitude e verticalidade dos dados, através dos diferentes níveis de análise, da formação de índices e tipos de dados, bem como da interação entre os dados observados e a dimensão temporal em que se dá o fenômeno.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a realização das sínteses descritivas e interpretativas das entrevistas, utilizou-se como método a análise de conteúdo de Bardin (1999). A análise de conteúdo permite fazer inferências, as quais, de acordo com Bardin (1999, p.3), são “[...] operações lógicas, pelas quais se admite uma proposição em virtude de sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras”. Para o tratamento dos dados a técnica da análise temática ou categorial foi utilizada e, de acordo com Bardin (1999), baseia-se em operações de desmembramento do texto em unidades, ou seja, descobrir os diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação, e, posteriormente, realizar o seu reagrupamento em classes ou categorias. As categorias que emergiram foram elaboradas a partir da leitura das entrevistas, após a sua aplicação. Fizeram parte das análises as seguintes categorias resultantes:

- a) Conceito de dificuldades de aprendizagem;
- b) A função do professor diante dessa demanda;
- c) Como trabalhá-las em sala de aula.

Desta forma, os procedimentos metodológicos da nossa análise de conteúdo foram abertos /exploratórios, ou seja, não fizeram intervir “categorias pré - definidas”, tendo

por isso um caráter puramente descritivo/exploratório (BARDIN, 1999): “[...] os resultados são devidos unicamente à metodologia de análise, estando isenta de qualquer referência a um quadro teórico pré-estabelecido”.

3.1. Categoria 1 - Conceito dos professores sobre as dificuldades de aprendizagem:

Nessa primeira categoria, a fala dos professores demonstrou que, para os professores entrevistados, a dificuldade de aprendizagem está diretamente voltada para o aluno, é uma característica intrínseca dele, é o seu rendimento, seu desempenho, não a articulação desses aspectos com a metodologia ou a prática docente.

*"A dificuldade de aprendizagem é quando o aluno não consegue aprender direito".
(Professor 4).*

"Dificuldades de Aprendizagem são problemas cognitivos que levam o aluno a problemas na escola".

(Professor 1)

"São problemas que os alunos trazem a escola e que interferem no seu bom rendimento nos estudos"

(Professor 9)

Para nossos entrevistados, as falas que a dificuldade de aprendizagem está diretamente voltada para o aluno, é uma característica intrínseca dele, é o seu rendimento, seu desempenho, não a articulação desses aspectos com a metodologia ou a prática docente. Tais falas correspondem bem aos achados das pesquisas de Seber (1997), o qual relata que é bastante comum os educadores afirmarem veementemente que estimulam as crianças, e que elas é que não aprendem. Na verdade, esses professores, não percebem que o desinteresse, a falta de atenção, o desleixo do aluno trata-se da impossibilidade deste último em entender e interpretar o que o professor está querendo transmitir.

3.2. Categoria 2 - A função do professor diante das dificuldades de aprendizagem:

Outra categoria emergente durante as entrevistas, foi qual seria a função do professor diante das dificuldades de aprendizagem de seus alunos. Especificamente nesse tópico, houve um dado interessante manifestado nas falas, em que a função do professor seria "diagnosticar" os alunos e encaminhá-los ao apoio especializado.

"Quando um aluno meu simplesmente não rende, fica claro que há algum problema. Daí, encaminho ao serviço de psicologia do campus".

(Professor 9)

"A função do professor é perceber a dificuldade do aluno e encaminhar a situação ao setor responsável".

(Professor 10)

"Enquanto educador há vinte anos, quando noto que há um aluno com problema de dificuldades de aprendizagem, já consigo saber qual é sua limitação e imediatamente encaminho ao setor de psicologia e na reunião dos pais, já aviso aos familiares que o filho pode ter alguma limitação no aprendizado".

(Professor 5)

Há uma forte inclinação a medicalização do aluno. A achar que seu problema de aprendizagem deve ser tratado como uma limitação, patologia. A tendência da grande maioria das falas, foi achar que a função do professor é perceber esse problema e repassá-lo ao setor responsável, que seria o setor de psicologia, ou mesmo aos familiares para que estes tomem as devidas providências. Em nenhum momento, os entrevistados propuseram uma adaptação no método ou mudança dentro de fatores relacionados a própria sala de aula.

Nesse sentido, os resultados corroboram com os achados de Torezan (1992), o qual declara que os professores buscam solucionar os problemas de aprendizagem encaminhando o aluno para atendimento específico, ou orientando os pais, mas não na alteração de sua prática em sala de aula nem na reflexão de sua postura pedagógica.

3.3. Categoria 3 - Trabalhando com os alunos com Dificuldades de Aprendizagem em sala de aula:

Novamente, ficou patente nessa categoria, uma espécie de "terceirização" da responsabilidade pelos alunos com dificuldades de aprendizagem a outros setores, ficando como função dos professores em sala de aula, apenas a identificação do aluno e seu posterior encaminhamento a outros setores de apoio pedagógico:

"Tenho quarenta alunos em sala. Não tem a possibilidade de trabalhar com um aluno que não aprende só. Então, recorre sempre a pedagogia e aos setor de psicologia, que sabem melhor como ajudar esse aluno em sala".

(Professor 2)

"Se o aluno tem problemas sociais, familiares, psicológicos que resultam num baixo rendimento, não há como o professor resolver isso em sala de aula. Para isso que a escola tem pedagogo, psicólogo, assistente social"

(Professor 6)

"Procuro ter um olhar especial a esse aluno, entender quando ele não logra êxito. Sempre peço orientação ao serviço de psicologia em como estimular esse aluno em sala"

(Professor 7)

Com exceção da fala do professor 7, a grande maioria acha que o aluno deve buscar auxílio fora de sala de aula, não sendo responsabilidade do educador, revisão de práticas pedagógicas ou adaptações de métodos, materiais ou flexibilização curricular. Para Nutti (2001) boa parte dos professores atribuem aos alunos e a fatores fora de sala de aula, como fatores do não aprendizado. Os achados corroboram com a pesquisa de Corsini (1998), que revelou em um estudo que o grupo de professores pesquisados por ele não questionou a relação entre sua própria prática pedagógica, sua postura e sua relação com o aluno como possíveis fatores das dificuldades de aprendizagem, encaminhando os alunos e suas queixas escolares a família ou ao apoio especializado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos inferir, com base nos resultados encontrados, que as representações sociais dos professores, que certamente norteiam suas práticas educativas, estão carregadas de preconceito e desinformação, fruto talvez de uma formação insuficiente para lidar com essa demanda ou de um sistema educacional que se centra na competição, no individualismo.

Percebe-se que se torna necessário no contexto analisado, a construção de um ambiente escolar adequado, a sensibilização e formação dos professores do IFTO, para a aplicação de estratégias de ensino diferenciadas, bem como, um projeto que possibilite a presença efetiva da família dos alunos que apresentam dificuldades na escola, além de programas específicos a de acompanhamento a serem desenvolvidos em conjunto com profissionais especializados que fazem parte do quadro (psicólogos, pedagogos, assistentes sociais).

Tais soluções apontadas no estudo, são elementos importantes para o atendimento das dificuldades. Percebe-se também, como de grande relevância, a necessidade da formação continuada tanto para os professores, quanto para a comunidade acadêmica como um todo, já que a mesma deve estar preparada para formar cidadãos responsáveis e críticos, fortalecendo a autoconfiança dos mesmos, sua capacidade de aprender, sua solidariedade e empatia.

A pesquisa pretende contribuir para uma reflexão mais ampla acerca do tema da percepção docente acerca das dificuldades de aprendizagem, bem como para o reconhecimento e valorização dessa queixa no âmbito escolar, melhorando o diálogo entre os diferentes atores envolvidos. É a partir da maior compreensão das dificuldades apresentadas pelos alunos, da desmistificação de percepções preconceituosas trazidas no arcabouço do docente, e da compreensão da importância do papel do professor no processo de superação dessas dificuldades, são fatores que podem auxiliar o processo de viabilização de soluções mais efetivas e eficazes.

REFERENCIAL

BRENELLI, Rosely. As dificuldades de aprendizagem na concepção do professor. UNICAMP: Campinas, 2004.

BARDIN, L. (1979). Análise de Conteúdo. Lisboa: edição 70.

CORSINI, C. F. (1998). Dificuldade de aprendizagem: representações sociais de professores e alunos. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia, Puccamp.

FERNÁNDEZ, A. (1991). A inteligência aprisionada. Porto Alegre: Artes Médicas.

LOZANO, A. B. e RIOBOO, A. P. (1998). Dificultades de aprendizaje: categorias y clasificación, factores, evaluación y proceso de intervención psicopedagógica. In: SANTIUSTE, V; BÉLTRAN, J. A. Dificultades de Aprendizaje. Madrid: Editorial Síntesis.

MIGUEL, E. S. e MARTÍN, J. M. (1998). Las dificultades en el aprendizaje de la lectura. In: SANTIUSTE, V; BÉLTRAN, J. A. Dificultades de Aprendizaje. Madrid: Editorial Síntesis.

NUTTI, J. Z. (1996). Concepções sobre as possibilidades de integração entre saúde e educação: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado, São Carlos, UFSCAR.

MOSCOVICI, S. (1978). A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar editores.

PAIN, S. (1985). Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre: ASEBER, M. G. (1997). Piaget: o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio. SP: Scipione. Porto Alegre: Artes Médicas.

SMITH, C. e STRICK, L. (2001). Dificuldades de Aprendizagem de A a Z. Porto Alegre: Artmed.

TIOSSO, L. H. Dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita: uma visão multidisciplinar. Tese de Doutorado. IP: São Paulo, 1989.

TOREZAN, A. M. Problemas de ensino e papéis do professor: uma análise das falas de professores em reuniões de discussão. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. USP: São Paulo, 1990.

WEISS, M. L. L. Psicopedagogia Clínica. DP&A: Rio de Janeiro, 2000.